


COMENTÁRIO A “DISSOLVING THE SELF: THE COGNITIVE TURN OF THE EXTENDED MIND THEORY” 25 ANOS DA TESE DA MENTE ESTENDIDA

Bernardo Alonso¹

Referência do artigo comentado: PERUZZO JÚNIOR, Léo; STROPARO Amanda Luiza. Dissolving the Self: the cognitive turn of the extended mind theory. *Trans/Form/Ação: Revista de Filosofia da Unesp*. v. 46, n. 2, p. 193-214, 2023.

Vinte e cinco anos após *The extended mind* (CLARK; CHALMERS, 1998) e 133 anos depois de *The Principles of Psychology* (JAMES, 1890), o embate *internalismo x externalismo* segue forte. Em suas numerosas variantes e minúcias técnicas, a distinção, que tem como motivação a antiga necessidade de demarcação sobre as confusas fronteiras entre corpo, pensamento, linguagem e mundo, persiste viva como tema de pesquisas em Filosofia da Mente, Filosofia da Psicologia, Psicologia e Ciências Cognitivas. Neste breve artigo, tratarei apenas sobre como processos cognitivos se estendem no mundo, segundo a Tese da Mente Estendida (TME), deixando de fora muita coisa.

A TME, ao apresentar um tipo de externalismo baseado no papel ativo do ambiente na condução dos processos cognitivos, inaugura uma posição estranha ao cognitivismo, o qual, segundo Clark e Chalmers (1998), é

¹ Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, MT – Brasil.  <https://orcid.org/0000-0003-3595-4907>. E-mail: bernardo.alonso@ufmt.br.

<http://dx.doi.org/10.1590/0101-3173.2023.v46n2.p215>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

fundado em preconceitos intracranianos. De modo resumido, a TME distancia-se do cognitivismo clássico, ao propor que (1) talvez a mente não seja uma *res cogitans* fundamentalmente distinta de qualquer *res extensa* física. Ao adotarmos (1), evitam-se os espólios do cartesianismo. E, (2) ao mesmo tempo, é *recusado* que, seja lá o que a for o que costumamos chamar de “mente”, esta seja idêntica ao cérebro. Tal como a cognição corporificada, a cognição estendida considera que processos e estados cognitivos não se dão apenas no espaço intracraniano.

Embora a cognição corporificada se distancie do cognitivismo, por conceber que a cognição não se dá unicamente de modo neural, ela ainda mantém a cognição dentro dos limites biológicos do organismo. De maneira diversa, a TME afirma que nossa mente não está confinada dentro de um organismo (corpo), tampouco no cérebro, podendo ser estendida para fora dos limites de nossa pele. É sustentado que uma porção significativa da cognição humana se estende além do cérebro (e corpo) para o mundo, incorporando *ativamente* artefatos, utensílios e ferramentas.

Mas, o que é *estendido*, exatamente? Mente? Cognição? O que é a *marca do cognitivo*? Em artigo recente (ALONSO; RAMOS, 2022), foi defendido que uma noção adequada da marca do cognitivo é oferecida por Hatfield (2014), ao afirmar que “[...] os principais pontos em comum envolvem a noção de que a cognição é o processamento de informações que explica o comportamento inteligente.” Tal definição possibilita abarcar como processos cognitivos a diversidade de fenômenos estudados pelas Ciências Cognitivas, em especial acomodar os mais recentes desafios apresentados por certos tipos de cognição, tais como: cognição estendida, cognição incorporada, cognição estruturada, cognição corporificada, cognição situada, cognição distribuída, cognição de grupo, cognição social, cognição enativa, cognição fundamentada, cognição aumentada e metacognição (SMART; CLOWES; HEERSMINK, 2017, p. 16).

Ao se ter em vista somente a TME, é correto dizer que a extensão da mente pode ser compreendida através de três dimensões distintas. A primeira dimensão que é estendida, segundo a TME, é a dos processos cognitivos. Clark e Chalmers (1998, p. 7-8) tomam o exemplo de um trabalho anterior de Kirsh e Maglio (1994) e nos convidam, através de um cenário com o jogo Tetris, a visualizar diferentes formas geométricas bidimensionais que descem, em

sequência, pela tela. (a) Podemos fazê-lo enquanto giramos cada peça do Tetris na mente (ou cérebro ou em algum lugar dentro do crânio). Por outro lado, (b) podemos manualmente girar a peça da tela, pressionando um botão no teclado, enquanto verificamos sua congruência com outras peças do jogo, utilizando o sentido da visão (olhos), como fazemos habitualmente ao jogar Tetris no computador. Este último é um caso de processo cognitivo ocorrendo externamente.

Ao que tudo indica, a capacidade de girar as peças com o teclado e a confirmação de seu posicionamento, através do recurso visual de exibição no monitor do computador, garantem que a execução dos movimentos, assim como cumprimento das regras e sucesso das jogadas, seja otimizada. Ainda no exemplo Tetris, (c) em um futuro *cyberpunk*, a pessoa se senta diante da tela do computador e visualiza diferentes formas geométricas bidimensionais, as quais descem, em sequência, pela tela. Por meio de um implante neural, a pessoa pode girar a forma com a mesma velocidade que faria no cenário anterior (b). É argumentado que, no cenário (c), haveria uma tendência a se considerar como cognitivo o processo realizado, ao contrário de (b), o qual envolve o auxílio de controles manuais e aparatos visuais. Apesar do cenário (c) ter um mecanismo de realização muito próximo ao do cenário (b), a tarefa é intracraniana (implante). Presumivelmente, a localização da realização é o fator levado em conta, ao se decidir se um processo é ou não cognitivo. Considerar o cenário (c) como envolvendo processos genuinamente cognitivos e não (b) constitui um caso de preconceito intracraniano.

A segunda dimensão da extensão, segundo a TME, é a dos estados cognitivos, tais como crenças disposicionais e memórias. Temos o exemplo de Otto, paciente de Alzheimer, o qual armazena informações em um caderno que consulta frequentemente. Sempre que Otto vai ao museu, ele abre seu caderno, confere o endereço e usa “O museu está localizado na rua 53”, para guiá-lo a ações. As informações armazenadas no caderno enquadram-se em uma crença disposicional, o segundo tipo de extensão.

Um ponto que é pouco explorado, embora seja importante para a compreensão do que está de fato envolvido na formulação da TME, é a distinção feita por Kirsh e Maglio (1994, p. 524) entre ações pragmáticas e ações epistêmicas. Ações pragmáticas são aquelas executadas para se alcançar

fisicamente um objetivo. São ações que alteram o mundo, em casos nos quais tais mudanças físicas são o objetivo *em si mesmas*. Varrer o chão, trocar uma lâmpada, costurar uma camisa são exemplos de ações pragmáticas. Por outro lado, ações epistêmicas são caracterizadas por serem tarefas físicas que tornam a computação mental mais fácil, mais rápida ou mais confiável. Utilizar lápis e papel para fazer cálculos, em vez de realizá-los inteiramente “de cabeça”, é um exemplo de uma ação epistêmica. É uma ação externa que um agente executa para alterar seu próprio estado computacional e simplificar o processo cognitivo ao descarregar parte de sua complexidade para o ambiente (ALONSO; RAMOS, 2022, p. 41).

Finalmente, a terceira extensão é a do *self*. Um indivíduo pode compor um sistema transitório e integrado, quando acoplado a recursos externos; ora, Clark e Chalmers (1998, p. 18) afirmam que isso pode ser tomado como um *self* estendido:

A mente estendida implica um eu estendido? Parece que sim As informações do caderno de Otto, por exemplo, são parte central de sua identidade como agente cognitivo. O que isso significa é que o próprio Otto é melhor considerado como um sistema estendido, um acoplamento de organismo biológico e recursos externos. Para resistir consistentemente a essa conclusão, teríamos de reduzir o eu a um mero feixe de estados que ocorrem, ameaçando gravemente sua profunda continuidade psicológica.

Esse impulso naturalizante não é novo. O filósofo e psicólogo americano William James (1890, p. 294) integrou o impulso naturalizante à psicologia, ao propor uma filosofia científica do *self*:

Apropriadamente falando, um homem tem tantos *eus* sociais quantos são os indivíduos que o reconhecem e carregam uma imagem dele em sua mente. Ferir qualquer uma dessas imagens é feri-lo. Mas como os indivíduos que carregam as imagens se enquadram naturalmente em classes, podemos praticamente dizer que ele tem tantos *eus* sociais diferentes quantos grupos distintos de pessoas cuja opinião ele se importa.

Segundo a citação sugere, a sociedade não é algo que se acrescenta, por assim dizer, ao *self* como uma espécie de ambiente puramente, unicamente externo. De modo diverso, a sociedade é refletida no *self* estendido em termos de uma multiplicidade de constituintes, os quais exibem diferentes níveis de

organização e divisões de trabalho. Este é o nosso comentário a partir do texto de Peruzzo Junior e Stroparo (2023).

REFERÊNCIAS

ALONSO, B.; RAMOS, R. A Marca do Cognitivo e Cognição 4E. **Princípios**, UFRN, v. 29, n. 58, 2022.

CLARK, A.; CHALMERS, D. The extended mind. **Analysis**, Oxford University Press, v. 58, n.1, p.7-19, 1998.

HATFIELD, G. Cognition. *In*: SHAPIRO, L. (ed.). **The Routledge Handbook of Embodied Cognition**. 1. Ed. New York: Routledge, 2014. cap. 34, p. 361-373.

JAMES, W. **The Principles of Psychology**. London: Macmillan, 1890.

KIRSH, D.; MAGLIO, P. On Distinguishing Epistemic from Pragmatic Action. **Cognitive Science**, Blackwell, v. 18, n. 4, p. 513-549, 1994.

PERUZZO JÚNIOR, L.; STROPARO, A. L. Dissolving the *Self*: the cognitive turn of the extended mind theory. **Trans/Form/Ação**: Revista de Filosofia da Unesp. v. 46, n. 2, p. 193-214, 2023.

SMART, P.; CLOWES, R.; HEERSMINK, R. **Minds Online**: The Interface between Web Science, Cognitive Science and the Philosophy of Mind. *Foundations and Trends in Web Science*. **Now Publishers**, v. 6, n. 1-2, p. 1-232, 2017.

Recebido: 10/01/2023

Aceito: 14/01/2023

